

PROGRAMA

8 outubro 2016, 17h

Amanheceu enquanto conversávamos

Nuno Ramalho conversa com José Almeida Pereira

OBRAS

Gel medium acrílico sobre vidro

Tinta acrílica sobre parede

Óleo sobre tela

Óleo solúvel em água sobre contraplacado e sobre tela

Tinta acrílica sobre Plexiglass com projecção de HD vídeo, 16:9, som, 20'15''

(*Preferia que o vídeo fosse mais manual* de Max Fernandes, 2015) e impressão

UV no verso (fotografia de Cristina Regadas)

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

22 outubro - 3 dezembro 2016

Mapa Natal de Cristina Regadas

Curadoria: José Maia

10 dezembro – 21 janeiro 2017

Ambiente de Trabalho de Nuno Ramalho

Curadoria: José Maia

O ARTISTA AGRADECE

Cristina Regadas, Max Fernandes, Lauren Moya Ford e Nuno Ramalho.

Maria Aurélia, Rodolfo Pereira, Bento Pereira.

António Leal e José Mário Brandão. Manuela Matos Monteiro, João Lafuente,

José Maia, Maria Odete Correia, Patrícia Barbosa

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *José Maia*

Transcrição e edição de texto *Maria Odete Correia*

Assistente de Galeria/Press Officer *Patrícia Barbosa*

Fotografia *Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, José Vaz e Silva e Rui Apolinário*

Vídeo *João Lafuente e Patrícia Barbosa*

ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor n° 159 Campanhã, Porto

929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net

www.facebook.com/espacomirafotografia



Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

Entrada Livre



P A S S A R O T E M P O
J O S É A L M E I D A P E R E I R A

3 set - 15 out 2016

Esta exposição dá continuidade a uma série de obras que tenho vindo a desenvolver desde 2010 que se caracteriza por uma apropriação de imagens fotográficas de pinturas mais ou menos clássicas. Contudo, a apropriação era uma prática que esteve sempre presente no meu trabalho. Diferentes áreas artísticas têm sido convocadas, de uma forma directa ou indirecta. No início trabalhei o vídeo, a pintura, o som, o mural, por vezes tudo numa só obra ou autonomamente. Aqui domina a pintura, mas fazendo coabitar com essa pintura a fotografia, mais propriamente o trabalho da edição digital e também o vídeo e a instalação.

Em 2010 aquando da exposição no antigo Espaço Campanhã deu-se o momento charneira em que essas apropriações, ou as imagens que me têm servido de referente, declaradamente se ligaram às imagens da história da pintura; isso começou com *O Rapto da Europa* do Rubens. Andava interessado nas representações da Europa, na componente etimológica da própria palavra, e o conceito serviu-me para ir ao encontro de algumas imagens. A principal foi este quadro de Rubens, que a seguir descobri ser uma cópia muito aproximada de uma pintura do Ticiano com o mesmo nome. O Rubens fez muitas cópias e algumas cópias pareciam mais vibrantes que os originais. A partir desse momento pensei sobre o modo de utilizar esses referentes, pensei que não os poderia encarar de frente, tinha de os distorcer de alguma maneira, tinha de variar o meu ponto de vista, e foi assim que eu comecei a criar as anamorfoses, torcendo e esticando. Encontrei grande parte das imagens na internet com uma qualidade impressionante, são fotografias de profissionais que as fotografam rigorosamente. É claro que dá para pensar sobre aquelas cores. Como é que a pintura foi iluminada? Qual é a aproximação ao objecto real? Que transformações sofreu até atingir ficheiro que descarreguei da web? Tudo isso para mim tem importância, condiciona o modo como a imagem chega ao observador. Na verdade os artistas sempre viveram de reproduções, livres de introduzir a sua própria leitura. A aproximação das cópias do Rubens aos originais é grande, mas a verdade é que há uma quantidade imensa de escolhas que acontecem: substituir umas figuras por outras, camuflar alguns pormenores, a expressão do modo de pintar, etc. Quando nos aproximamos do quadro há uma grande diferença, mas é impossível fazer uma cópia exacta de qualquer coisa, há uma grande margem de manobra aí. A impossibilidade de uma cópia exacta possibilita muitas escolhas, interessa-me isto.

A exposição sublinha que vivemos, relativamente às imagens e à história das imagens, com a experiência da reprodução das imagens, da interpretação do fotógrafo, ou do cinema. São poucos os momentos em que temos contacto com a obra primeira, por vezes esse contacto é tão breve que não a percebemos. Muitas vezes vemos a reprodução como sendo a experiência da própria obra.

Nesta exposição, tendo por referência os temas mais clássicos da arte, temos a vândalos, a natureza morta, o retrato, uma cena do quotidiano (que se estende até ao tema da paisagem) e que de alguma forma é convocada no vídeo. Essa consciência da imagem ser múltipla (como múltiplos são os temas), o que as une é a interpretação efectuada a cada uma das imagens. Isto passa por uma técnica da preparação da imagem e da gama cromática escolhida, que interfere e exige do observador. É introduzido um ruído relativamente ao original, contudo a primeira imagem, que seria a imagem fotográfica, já homogeniza algo relativamente à pintura, não capta a pincelada e a junção das múltiplas cores do mesmo modo que a superfície pictórica se apresenta. O que aqui temos é que a imagem pictórica passa para uma imagem fotográfica, vai para um momento de edição digital e volta a encontrar-se verdadeiramente distanciada da primeira que é também pictórica. São camadas até chegarmos à obra final. Há um caminho trilhado que nos desvia do momento do referente que serviu de modelo.

Estamos perante estas imagens que são verdadeiramente pictóricas, a prática e a consciência dessa pintura está muito presente, no entanto o referente não é um modelo físico, mas uma imagem digital que introduz aqui uma nova experiência, isso permite uma nova composição e novas leituras são adicionadas às primeiras leituras que permitem múltiplos ou diferentes níveis. Estas obras convocam temas verdadeiramente diferentes: a questão da morte, da vida, do próprio trabalho artístico, quer seja no desenho quer seja na escrita ou a consciência desse mesmo pintar, a ideia de leitura da obra está ali, quer seja a leitura de um texto ou até o contacto impressivo ou expressivo num diálogo entre pessoas, faz com que o que esteja a ser falado ou dito ou exposto possa ser percebido de forma diferente, porque o estado emocional é diferente também. Esta exposição permite-nos uma explosão de leituras. Para tornar ainda mais denso tudo isto, há a criação de um padrão, de um mural, que colocando os quadros sobre esse mural, sobre os módulos desse padrão, introduzem novas relações, criam novas linhas de tensão ou ajudam-nos a expandir. A gama cromática das pinturas parece que dialoga com a do padrão.

Sempre que vou expor tento não pensar para além das imagens que carrego comigo, as pinturas, os quadros. Tenho sempre uma vontade de abraçar espaços. A partir da pintura, o padrão ajuda a criar um efeito óptico, e isso é que me atrai - são os efeitos ópticos. E noutros trabalhos com padrões passou por outras coisas mais, mas tenho conservado a vontade de imergir o espectador, imergir o olhar como as pinturas que tenho vindo a fazer, que o espaço abraça, gosto de ser generoso nas visualidades, nos estímulos à retina.

Excerto de uma conversa maior entre o artista José Almeida Pereira e o curador José Maia